

BIOÉTICA

UMA PERSPECTIVA CRISTÃ



2ª EDIÇÃO
REVISADA E AMPLIADA


VIDA NOVA

Gilbert Meilaender

SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	9
INTRODUÇÃO	
BIOÉTICA: UMA ABORDAGEM	11
CAPÍTULO 1	
A VISÃO CRISTÃ	15
CAPÍTULO 2	
PROCRIAÇÃO VS. REPRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 3	
ABORTO	43
CAPÍTULO 4	
DESENVOLVIMENTO GENÉTICO	57
CAPÍTULO 5	
SELEÇÃO PRÉ-NATAL	69
CAPÍTULO 6	
SUICÍDIO E EUTANÁSIA	77
CAPÍTULO 7	
REJEIÇÃO DE TRATAMENTO	89
CAPÍTULO 8	
QUEM DECIDE?	101
CAPÍTULO 9	
DÁDIVAS DO CORPO: DOAÇÃO DE ÓRGÃOS	111
CAPÍTULO 10	
DÁDIVAS DO CORPO: EXPERIÊNCIAS COM SERES HUMANOS ..	129
CAPÍTULO 11	
EMBRIÕES: AS MENORES COBAIAS	139
CAPÍTULO 12	
DOENÇA E SAÚDE	151
ÍNDICE	157

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

ESTE LIVRO FOI PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ A MENOS DE UMA DÉCADA atrás, período que dificilmente seria considerado longo, tendo em vista a história mundial. Entretanto, se levarmos em consideração que o campo da bioética está em constante mudança e que sua existência como “campo” de estudo já data de aproximadamente quatro décadas, dez anos é realmente um período muito longo. Há vários anos venho sentindo a necessidade de atualizar este guia, e esta segunda edição é resultado disso.

Para aqueles que desejam saber o que mudou em relação à primeira edição, ofereço aqui um breve resumo das principais mudanças. Acredito que sejam apenas quatro. Em primeiro lugar, o texto todo foi atualizado em vários pontos a fim de que os dados fornecidos fossem os mais recentes. Este livro não trata prioritariamente de dados ou estatísticas. No entanto, há trechos em que o uso de informações mais recentes pareceu ser relevante. Em segundo lugar, meu pensamento mudou um pouco em relação a um determinado ponto do capítulo 3. Assim, alterei a substância — ou, pelo menos, o tom — do argumento. Na primeira edição, embora não tenha precisamente me comprometido com o ponto de vista de que um novo indivíduo humano só passa a existir depois de a “geminção” ter ou não ocorrido, dei considerável atenção a essa possibilidade. No momento, por razões empíricas e “metafísicas”, estou muito menos convicto. Na verdade, acho provável que não resista ao teste da evidência embriológica o argumento de que a individualidade não se estabelece até aproximadamente o décimo quarto dia de desenvolvimento, e também é provável que o estabelecimento desse momento pareça algo cada vez mais arbitrário. Em terceiro lugar, não só atualizei como também reescrevi o capítulo 9 (sobre doação de órgãos). Embora

minha posição continue substancialmente a mesma, acredito que o tom do argumento foi um tanto alterado. Além do mais, eu o reescrevi de modo a observar (ao menos) os contínuos debates sobre o conceito de morte cerebral — um argumento que ainda considero em aberto. Por fim, acrescentei um novo capítulo para tratar de um tema especial e altamente controverso, a questão ética na área da pesquisa, ou seja, a pesquisa com embriões. Essa questão assumiu grande relevância nos debates públicos com a possibilidade do isolamento das células-tronco embrionárias (resultando na destruição de embriões no processo) e com a possibilidade cada vez maior de clonagem de embriões para fins de pesquisa. Não considerarei que uma discussão abrangente sobre a questão ética na área da pesquisa pudesse ser adequada se não dedicasse atenção especial a esse aspecto.

O tom e o caráter fundamental do livro permanecem inalterados. É também verdade o fato de que este livro foi escrito por um cristão e sobretudo para outros cristãos que desejam refletir sobre questões relevantes da bioética — embora, é claro, conforme afirmo na introdução do livro, outros leitores sejam bem-vindos para “ouvir” e ponderar sobre essas questões consideradas a partir da perspectiva da cosmovisão cristã.

INTRODUÇÃO

BIOÉTICA:

UMA ABORDAGEM



A MEDICINA AVANÇA TÃO RAPIDAMENTE NOS DIAS DE HOJE QUE CORREMOS o risco de esquecer que a consolidação da bioética como um campo de estudos específico ainda é muito recente. Na mente de nossos filhos, a doação e o transplante de órgãos são fatos da vida. Mas, apesar disso, o primeiro transplante bem-sucedido de rim ocorreu em 1954, e o primeiro transplante de coração só foi realizado recentemente em 1967. De fato, nossos filhos podem aceitar, com muita facilidade, que uma mulher grávida possa resguardar a saúde de seu feto *no útero*, que ela possa se submeter a exames pré-natais e saber, de antemão, se a criança será menino ou menina, bem como, considerar a possibilidade de um aborto por inúmeras razões. Mas, apesar disso, o exame do líquido amniótico foi realizado pela primeira vez só em 1966, e faz apenas trinta anos que o veredicto sobre o processo *Roe vs. Wade*¹ foi realizado. Podemos aceitar o fato de que, para nós, é vantajoso elaborar diretrizes avançadas sobre como queremos ser tratados caso nos tornemos inconscientes ou inválidos. Entretanto, a primeira lei do *living will*² nos Estados Unidos (no Estado da Califórnia) é de 1976. Muitas pessoas aceitam com extrema facilidade que os tubos de alimentação de um paciente em estado de permanente inconsciência sejam

¹ *Roe vs. Wade*: processo julgado em 1973 pelo Tribunal Superior dos Estados Unidos cuja decisão impede os estados de negarem às mulheres o direito ao aborto (N. do T.).

² A lei do *living will* [vontade de viver] é uma lei referente aos procedimentos médicos e legais que devem ser tomados caso a pessoa doente seja incapaz de expressar seus desejos (N. do T.).

retirados. Mas, em 1976, essa possibilidade não foi considerada seriamente pela família Quinlan, quando recorreu à justiça para pleitear o direito de assumir o controle dos cuidados médicos dispensados à sua filha Karen.

É claro que existe, no mundo ocidental, algo que, há muito tempo, é chamado de “ética médica”. O Juramento de Hipócrates data provavelmente do século IV a.C. Os médicos — mesmo quando não havia nenhuma das técnicas modernas de cura — sempre refletiram sobre as responsabilidades de sua profissão. Depois da Segunda Guerra Mundial, em virtude do comprometimento dos médicos alemães com o programa nazista de experiências com seres humanos — eugenia e genocídio —, a ética médica foi alvo de uma atenção renovada. E, de fato, o Código de Nuremberg, cuja elaboração resulta dos abusos então perpetrados, adquiriu hoje em dia o *status* de lei internacional.

Todavia, foi somente nas últimas três ou quatro décadas do século passado que a disciplina bioética se desenvolveu, e foi apenas nesses anos que as preocupações bioéticas se tornaram rotineiras em nossa vida diária. Mas, além de se tornarem rotineiras, tais preocupações também se tornaram propriedade exclusiva de “bioeticistas”, um desdobramento que talvez não seja inteiramente benéfico. Houve um tempo em que os filósofos e os teólogos, cada um conforme sua especialização, refletiam sobre a vida moral, e os médicos ponderavam acerca do significado moral de sua prática profissional. Naquela época, a ética desenvolvia-se como campo específico da filosofia e da teologia. Temos, atualmente, a bioética, uma derivação daquilo a que nos referimos com frequência como “ética aplicada”. Uma das consequências desse desenvolvimento consiste no fato de que a reflexão bioética, cada vez mais, concentra-se sobre a política social — o que, em nossa sociedade, significa um *minimal*, i.e., um mínimo denominador ético comum capaz de garantir, segundo se crê, o consenso público. Ao longo desse processo, a reflexão em torno do significado moral da

saúde e da medicina adquiriu foros cada vez mais seculares, determinados pela visão de que o consenso público deve pôr de lado as questões mais universais acerca da natureza e do destino do ser humano suscitadas pela crença religiosa.

Existe um espaço para essa bioética minimalista, porém o objetivo deste livro é outro. Escrevo como cristão para outros cristãos que queiram discutir tais assuntos. Serão bem-vindas todas as pessoas que desejarem participar como “ouvintes” e que estiverem dispostas a refletir de acordo com os pressupostos dessa posição. Contudo, esta não é uma discussão para “todos”. Seu público compõe-se daqueles cujo Senhor é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó — os que creem que esse Senhor viveu como um de nós na pessoa de Jesus de Nazaré. Os dois testamentos das Escrituras cristãs testemunham com autoridade a respeito desse Deus (mesmo que, às vezes, de modo ambivalente) e são eles as lentes através das quais os cristãos enxergam as questões contemporâneas relativas à bioética. É evidente, que nem todos os cristãos darão seu aval às opiniões aqui contidas. Portanto, isso não significa que, para tentar expor a ética cristã neste livro, eu tenha feito um levantamento das opiniões de todos os cristãos ou que tenha escrito um relato histórico sobre suas posições a esse respeito. Pelo contrário, esforcei-me, sim, para dizer o que nós cristãos devemos argumentar para que sejamos fiéis à verdade pela qual fomos resgatados em Jesus. Ninguém pode atrever-se a falar de modo normativo pela igreja, a não ser, como afirma Karl Barth, “com toda humildade, dispondo-se a assumir tal igreja no lugar em que estiver e da melhor forma que puder”.³ Devo admitir que é isso o que proponho fazer aqui. Os problemas, muitas vezes novos, talvez sejam decorrentes do avanço tecnológico, porém a busca da sabedoria humana e da introspecção calcada na fé exige de nós uma memória mais vasta e uma visão mais abrangente.

³ Karl BARTH, *Church Dogmatics*, I/1. Edinburgh: T. & T. Clark, 1936, p. xii.

CAPÍTULO 1

A VISÃO CRISTÃ



BOA PARTE DO QUE SE TEM FEITO DE MELHOR EM BIOÉTICA ENVOLVE a aplicação de certos princípios éticos em casos concretos — tais como o respeito pela autonomia, a caridade e a justiça. A aplicação de princípios não é algo que acontece no vazio. Como compreendemos tais princípios e como encaramos as situações com que nos deparamos dependerá do repertório de crenças que traremos para a reflexão moral — crenças acerca do significado da vida humana, do sentido do sofrimento e da morte, bem como do contexto supremo pelo qual entendemos nosso ser e agir. A frequência com que o argumento racional e a reflexão contribuem para a formação do nosso ponto de vista sobre tais assuntos é bem menor do que se possa imaginar. Nosso repertório de crenças, de modo geral, permanece num nível pré-articulado. É algo que assimilamos da cultura que nos rodeia como o ar que respiramos. Portanto, vale a pena trazer à reflexão, de maneira simples e direta, alguns elementos básicos da visão de mundo cristã — para recordar quão contrários os pressupostos de nossa cultura podem se mostrar em relação à visão de mundo cristã. Assim, antes de passarmos para os próximos capítulos em que serão discutidas questões complexas de bioética, seria prudente refletir um pouco acerca de algumas das crenças que compõem nosso repertório.

Os indivíduos na comunidade

O discurso da bioética é frequentemente um discurso sobre direitos. Tal discurso é absolutamente fundamental em muitos contextos, e ignorá-lo é o mesmo que ignorar as justas reivindicações por cuidado e atenção que muitos nos fazem. Porém, para os cristãos, a relação entre indivíduo e comunidade é demasiado complexa para que seja

considerada exclusivamente com base nessa linguagem. Portanto, já desde o início, empregarei uma linguagem diferente.

No batismo, somos entregues a Deus e nos tornamos membros do corpo de Cristo. Essa é a linguagem da comunidade. Contudo, talvez de modo paradoxal, a primeira coisa a observar em relação ao batismo é que se trata de um ato profundamente individualizador. Nossos pais nos entregam a Deus, quase que literalmente, quando somos levados ainda na infância a pia batismal. A despeito do vínculo profundo que nos une e sempre nos unirá a nossos pais, não pertencemos a eles. No batismo, Deus coloca sua mão sobre nós, chama-nos pelo nome e, desse modo, consolida nossa identidade e nosso destino singularmente individuais.

Pertencemos, em toda a extensão de nosso ser, unicamente a Deus, a quem devemos aprender a amar mais que a nosso pai ou a nossa mãe. O que faz de nós indivíduos verdadeiros, portanto, é o fato de que Deus nos chama pelo nome. Nossa individualidade não é fruto de uma conquista ou de um poder pessoal, e — o mais espantoso de tudo — é que ela só se firma em nossa *comunhão* com Deus. Somos verdadeiramente nós mesmos, não quando dirigimos e controlamos nosso destino, mas quando passamos a reconhecer e a admitir que nossa vida está alicerçada em Deus e é por ele conservada.

O batismo é, antes de tudo, aquilo que estabelece nossa identidade individual, é preciso acrescentar logo a isso que ele nos torna participantes da comunidade eclesial — juntamente com todos aqueles a quem Deus tem chamado pelo nome. Em relação a Deus, é absolutamente impossível existir à parte de tal vínculo com todos os que foram batizados no corpo de Cristo. Somos chamados a levar seus fardos, assim como eles devem levar os nossos. Às vezes não estamos dispostos a suportá-los. Talvez, seja frequente o fato de que não estamos dispostos a que eles nos suportem, tal é a nossa ânsia pelo domínio e pela independência. Se o corpo é um só, nada é mais justo e conveniente que levarmos os fardos uns dos outros. Tal compartilhar mútuo de

cargas não deve, entretanto, culminar em algo destrutivo, uma vez que o sacrifício de Jesus já deu conta delas de uma vez por todas.

Se o batismo é o sacramento da iniciação na vida cristã, supõe-se que ele deva então moldar nossa compreensão acerca do “individualismo”. Não devemos imaginar que a dignidade individual possa ser descrita de um modo satisfatório apenas pela linguagem da autonomia — como se fôssemos mais integralmente humanos quando agimos por conta própria, escolhendo o rumo de nosso “plano de vida” ou como se fôssemos suficientemente capazes e poderosos para prescindir de quem quer que seja.

No âmbito do reino político, sempre haverá — e é preciso que seja assim — lugar para a linguagem do individualismo independente. É preciso que os cristãos reconheçam que, em um mundo profundamente conturbado pelo pecado, podem-se infligir males terríveis em nome da comunidade. O eminente historiador britânico Herbert Butterfield declarou certa vez — um tanto jocosamente — que todas as guerras travadas ao longo da história da humanidade podiam ser muito bem explicadas tomando-se simplesmente como exemplo a hostilidade presente no coral de uma igreja em um determinado momento e estendendo-o história afora. É preciso que se proteja a dignidade do indivíduo, pois o pecado perverte todo relacionamento humano, e, de modo especial, faz com que os poderosos abusem dos fracos e sem voz, e os humilhem em nome de altos ideais ou em nome do bem comum. Uma vez que cada um de nós foi criado para Deus, ninguém é — em toda extensão de seu ser — simplesmente um membro de uma comunidade humana qualquer.

Liberdade e finitude

Uma compreensão mais abrangente de nosso ser exige uma apreciação — e afirmação — da dualidade com que nossa natureza foi criada. Isto é, fomos criados do pó da terra — seres finitos, limitados por

ABORTO, DOAÇÃO DE ÓRGÃOS, ENGENHARIA GENÉTICA, SUICÍDIO, EUTANÁSIA, PESQUISA COM CÉLULAS-TRONCO.

Neste livro, Gilbert Meilaender, a partir de uma perspectiva cristã profunda e equilibrada, oferece uma reflexão sobre esses temas espinhosos que constituem o campo de análise da bioética. São temas repletos de questões que se tornam grandes desafios para aqueles que desejam tornar o pensamento cristão relevante em nossos dias.

Esta nova edição de *Bioética: uma perspectiva cristã* traz algumas importantes mudanças em relação à primeira edição. Veja, a seguir, as principais mudanças:

- Um novo capítulo foi acrescentado para tratar de um tema especial e altamente controverso, a saber, a questão ética na área da pesquisa com células-tronco. Essa questão assumiu grande relevância nos debates públicos com a possibilidade do isolamento das células-tronco embrionárias (resultando na destruição de embriões no processo) e com a possibilidade cada vez maior de clonagem de embriões para fins de pesquisa;
- O capítulo 9, que trata do tema referente à doação de órgãos, não apenas foi atualizado como também reescrito. A razão disso se deve aos contínuos debates sobre o conceito de morte cerebral;
- Alguns argumentos referentes à questão do aborto foram reconsiderados pelo autor diante das novas descobertas da engenharia genética;
- Por fim, o texto todo foi atualizado em vários pontos a fim de que os dados fornecidos fossem os mais recentes.

Estamos convictos de que esta nova edição vem em um momento oportuno. Um momento em que nos perguntamos como devemos nos posicionar, como cristãos, diante de cada nova descoberta científica.

GILBERT MEILAENDER é professor de Ética Cristã na Universidade de Valparaíso, em Indiana (EUA), e foi membro do conselho consultivo em questões relacionadas à bioética da presidência dos EUA.



www.vidanova.com.br

